



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Eduardo Bervian Dal Moro

Surfe como ferramenta de promoção da Educação Ambiental em jovens e crianças

Florianópolis

2024
Eduardo Bervian Dal Moro

Surfe como ferramenta de promoção da Educação Ambiental em jovens e crianças

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de Licenciatura em
Educação Física do Centro de Desportos
da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Educação Física

Orientador(a): Prof. Dr. Ricardo de
Almeida Pimenta

Florianópolis
2024

Dal Moro, Eduardo Bervian

Surfe como ferramenta de promoção da Educação Ambiental
em jovens e crianças / Eduardo Bervian Dal Moro ;
orientador, Ricardo de Almeida Pimenta, 2025.

49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis,
2025.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Atividades de Aventura na
Natureza. 3. Surfe. 4. Educação Ambiental. 5. Educação
Física. I. Pimenta, Ricardo de Almeida. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física.
III. Título.

Eduardo Bervian Dal Moro

Surfe como ferramenta de promoção da Educação Ambiental em jovens e crianças

Este Trabalho de Conclusão foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física – Hab. Licenciatura.

Florianópolis, 16 de Dezembro de 2024.

Coordenação do Curso

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo de Almeida Pimenta

Orientador

Prof. Dr. Ramon Cruz

Instituição UFSC

Profa. Dra Fabiane Castilho Teixeira Breschiliare

Instituição UFSC

Florianópolis, 2024

Resumo

As atividades de aventura na natureza podem estar associadas a mudanças significativas na maneira com que os seus praticantes percebem e se relacionam com o meio ambiente. Entre estas atividades de aventura, destaca-se o surfe, uma modalidade que vêm se popularizando intensamente nos últimos anos e que apresenta características que favorecem um envolvimento profundo entre os seus adeptos e o ambiente natural em que a prática é realizada. Desta maneira, é possível observar a hipótese de que as atividades de aventura na natureza, entre elas o surfe, possam se tornar aliadas importantes no desenvolvimento de indivíduos que sejam capazes de estabelecer relações mais harmoniosas com o meio ambiente. Diante disso, o objetivo deste estudo foi analisar se crianças e jovens que praticam o surfe apresentam uma maior conscientização ambiental em relação àquelas que não praticam. Para isso, foram realizadas entrevistas com diferentes grupos, compostos por praticantes e não praticantes da modalidade a fim de comparar os resultados. A partir das entrevistas, mesmo não sendo possível observar distinções aparentes entre os grupos entrevistados, verificou-se que os praticantes de surfe apresentaram vínculos significativos com a natureza e o entendimento que a poluição afeta a prática da modalidade. Desta maneira, constatou-se que diferentes fatores podem estar associados à promoção da Educação Ambiental, como a interação com o meio natural e um contexto escolar engajado nesta temática. Portanto, conclui-se que a combinação destes aspectos, com a introdução de atividades de aventura nas escolas, pode apresentar resultados ainda mais expressivos na formação de sujeitos ecologicamente conscientes.

Palavras-chave: Atividades de Aventura na Natureza, Surfe, Educação Ambiental, Educação Física.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico referente às Sensações vivenciadas na Natureza

Figura 2 - Gráfico referente aos principais poluentes observados

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.2 OBJETIVOS.....	11
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	11
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.3 JUSTIFICATIVA.....	11
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	14
2.1 ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA.....	14
2.2 SURFE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO.....	16
2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	17
2.4 SURFE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	18
3. METODOLOGIA.....	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	21
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	21
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	22
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	25
3.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	26
3.6 ANÁLISE DE DADOS.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
4.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA.....	28
4.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
4.2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	30
4.2.2 CATEGORIA 1: POSSÍVEIS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	30
4.2.3 CATEGORIA 2: VÍNCULOS COM O MEIO AMBIENTE.....	32
4.2.4 CATEGORIA 3: POLUIÇÃO OBSERVADA.....	35
4.2.5 CATEGORIA 4: PAPEL DA ESCOLA.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6. CONCLUSÃO.....	45
7. REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados.....	50

1 INTRODUÇÃO

Diante de uma série de modificações em diferentes setores de nossa sociedade, sejam elas de caráter econômico, social ou cultural, nota-se que as relações entre os seres humanos e o meio ambiente também têm apresentado alterações muito significativas (Artaxo, 2020). Neste contexto, devido às novas dinâmicas predominantes em uma sociedade voltada para a produção industrial e ao consumo desenfreado, observa-se que gradativamente o estilo de vida de nossa sociedade avança em um caminho perigoso e sem precedentes que pode nos levar para condições insustentáveis para a vida humana no planeta (Teixeira, Toni, 2022). Assim sendo, ao analisar indícios deste desequilíbrio que já vem ocorrendo ao longo das últimas décadas, pode-se citar à já iminente crise climática, com eventos cada vez mais extremos e frequentes e o potencial colapso de processos ecológicos fundamentais que sustentam nossa civilização, como a extinção em massa de espécies e a incidência de novas pandemias (Teixeira, Toni, 2022).

Ao analisar o cenário atual, Mizoguchi (2019) chama atenção para o aumento exponencial na produção de plástico no planeta, observando um acréscimo na produção deste material de 8,4% ao ano entre 1950 e 2015. Embora a reciclagem de seus resíduos venha aumentando a partir da década de 80, nota-se que mais da metade ainda é descartada em aterros ou no próprio meio ambiente, sendo os oceanos um dos principais destinos para estas substâncias. Tal fato evidencia como a falta de interesse com as questões ambientais ainda é uma característica predominante na sociedade contemporânea (Geyer, Jambeck, Law, 2017). Desta forma, Mizoguchi (2019) observa o fato de que tal material possui uma alta resistência e durabilidade, levando centenas de anos para se decompor, tornando-se uma ameaça à fauna marinha e aos ecossistemas aquáticos.

Dito isto, além de promover novas políticas que visem à diminuição destes impactos, também se demonstra imprescindível a conscientização das novas gerações para a busca de soluções e o desenvolvimento de comportamentos menos prejudiciais ao meio ambiente (Reigota, 2007). Assim sendo, o conceito de Educação Ambiental tem se tornado cada vez mais importante na busca por uma condição mais harmoniosa entre homem e natureza. Sendo assim, Reigota (1998) salienta que este

termo está atrelado à uma educação política, à medida que prepara os cidadãos na luta de seus direitos e cumprimento de seus deveres, preparando-os para reivindicar justiça social, cidadania e ética tanto nas relações sociais como também nas relações com o meio natural. Portanto, pode-se observar que este conceito ultrapassa medidas de conscientização e preservação que visem apenas o cenário ambiental, pois implica em modificações na forma de compreender e atuar em outros contextos, como sociais e políticos, dado que tais componentes também irão influenciar diretamente nas questões ambientais. Ou seja, durante este processo educativo, é fundamental perceber que as escolhas dos indivíduos perante outros aspectos da sociedade irão interferir significativamente na busca por um equilíbrio perante as relações com o meio ambiente (Reigota, 1998).

Neste cenário, na busca por formas criativas e eficazes de alertar os indivíduos sobre as reais necessidades de preservar o meio ambiente, surgem as atividades de aventura na natureza, ou práticas corporais na natureza. De acordo com Betrán (1995), essas atividades são caracterizadas por serem vivenciadas durante o tempo livre, sendo capazes de proporcionar sensações e emoções muito significativas aos seus praticantes. Desta maneira, o autor destaca que a integração com o ambiente natural é um componente fundamental nestas relações. Neste raciocínio, a interação criada entre natureza e ser humano existente neste tipo de atividades possibilita um aumento nos níveis de conscientização para a preservação do meio ambiente (Lavoura; Schwartz; Machado, 2008).

Bruhns (2000) destaca o papel da natureza nesta tendência, uma vez que ela é responsável por operar um reencantamento com o mundo, que muitas vezes está desgastado ou até mesmo apagado. Os adeptos deste tipo de atividades tendem a estabelecer novas relações com o meio natural, voltadas ao afeto, contemplação e sensação de pertencimento àquele ambiente. Assim sendo, Lavoura, Schwartz e Machado (2008) salientam a possibilidade de novas vivências corporais na natureza, focadas na experiência em si, desenvolvendo novos valores e atitudes, observando que o relacionamento estabelecido nesta interação tende a ser de parceria e não de dominação.

Franco, Tahara e Darido (2018) destacam a relevância que tais atividades vêm ganhando no cenário mundial. Para isso, citam a introdução de algumas modalidades nos Jogos Olímpicos (surfe e skate) e também destacam como estas atividades estão sendo intensamente exploradas pelo turismo e pela mídia, uma vez

que são muito atrativas para o público que busca novas experiências. Ainda neste intuito, observam a potencialidade de se inserir práticas corporais de aventura na escola, na medida que elas podem não só estimular emoções e vivências únicas aos estudantes, mas também possibilitar a superação de limites pessoais perante riscos controlados.

Ademais, Marinho e Bruhns (2006) acrescentam que tais práticas são fundamentais no desenvolvimento de uma nova forma de percepção do indivíduo não só com o meio ambiente, mas também com outros indivíduos e com eles mesmos, ficando evidente em suas pesquisas como tais atividades apresentam um potencial de transformação na vida de seus sujeitos. Neste aspecto, pode-se citar fatores como coragem, humildade, superação de desafios, melhora na autoestima e sensação de pertencimento.

Entre as atividades de aventura na natureza que mais vem crescendo no cenário mundial, destaca-se o surfe. Segundo Moreira (2009), trata-se de um esporte que apresenta como principal objetivo deslizar sobre as ondas com o uso de uma prancha. Esta prática pode ser realizada tanto nos mares, rios ou até mesmo piscinas, no entanto, ela está mais comumente associada ao mar. Sendo assim, observa-se que a modalidade possui uma estética muito atrativa e também estabelece uma relação fundamental com a natureza. Consequentemente, para um desempenho satisfatório no surfe, é necessário que o indivíduo passe a conhecer profundamente não só sobre si mesmo, mas também sobre o ambiente em que ele irá realizar esta prática.

Diante disso, Moreira (2009) acrescenta que o esporte apresenta em seus valores mais intrínsecos o comprometimento com a sustentabilidade socioambiental, à medida que tal componente será essencial para que práticas como essas continuem se desenvolvendo sem gerar danos prejudiciais ao ecossistema. É possível observar a hipótese de que as atividades de aventura na natureza, entre elas o surfe, possam se tornar aliadas importantes no desenvolvimento de indivíduos que sejam capazes de estabelecer relações mais harmoniosas com o meio ambiente, isto é, sujeitos mais conscientes sobre como suas ações e as do restante da sociedade podem interferir no equilíbrio dos processos ecológicos de nosso planeta. No entanto, existem certas lacunas na literatura já existente, visto que muitas pesquisas com temáticas semelhantes, como Liporoni et al. (2022) e Caetano (2015) não demonstraram a intenção de observar o papel dos conteúdos e abordagens utilizados durante os

processos de ensino e aprendizagem destas modalidades, inclusive no que se trata da promoção da Educação Ambiental.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi analisar se crianças e adolescentes que praticam o surfe possuem uma maior conscientização ambiental em relação àquelas que não praticam esta modalidade. Na presença de tal indagação, também foi investigada a maneira como as metodologias de ensino desta atividade podem influenciar no nível de conscientização ambiental dos aprendizes, uma vez que as diferentes formas como os praticantes são introduzidos neste esporte podem acarretar resultados distintos não só quanto ao desempenho no surfe, mas também no âmbito referente à Educação Ambiental.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar se crianças e jovens que praticam o surfe apresentam uma maior conscientização ambiental em relação àquelas que não praticam.

1.2.2 Objetivo Específico

- Comparar a percepção das crianças e jovens praticantes não praticantes de surfe em relação aos temas ambientais.
- Verificar se as metodologias empregadas para o ensino do surfe estão associadas à promoção da Educação Ambiental.
- Discutir as potencialidades e problemáticas de se promover a Educação Ambiental no contexto escolar a partir do ensino do surfe.

1.3 JUSTIFICATIVA

Do ponto de vista pessoal do autor deste trabalho, a escolha por este tema está relacionada à sua própria vivência com o surfe e pela crença particular de como tal atividade realmente pode implicar em alterações significativas no comportamento

de seus praticantes, sejam elas relacionadas a hábitos mais saudáveis quanto ao estilo de vida, como novas formas de enxergar suas relações com o ambiente natural que os cerca. Por praticar esta modalidade de forma regular há cerca de sete anos, o autor deste estudo percebeu através de sua experiência, contato e amizade com dezenas de outros surfistas, de diferentes idades, o potencial que a atividade possui de transformar o comportamento desses sujeitos, principalmente no que diz respeito à uma tendência de se integrar com a natureza, aprendendo através de estudos e experiências práticas a entender, respeitar e valorizar os fenômenos da natureza e a importância do equilíbrio dos ecossistemas envolvidos.

Já no que corresponde ao componente científico, tal pesquisa visou contribuir na tentativa de responder sobre os possíveis questionamentos advindos dos diversos outros trabalhos que apresentam temáticas semelhantes e que relatam as relações existentes entre as atividades de aventura na natureza e a promoção da Educação Ambiental, como Liporoni et al. (2022) e Caetano (2015). Dito isto, o presente estudo tem o papel de colaborar com as pesquisas acerca deste tema, uma vez que a literatura atual ainda não é capaz de satisfazer todas as indagações a respeito disso. Entre os questionamentos que guiaram a investigação, destaca-se se o surfe realmente é uma ferramenta eficaz no intuito de desenvolver a conscientização ambiental em crianças por si só ou se as metodologias de ensino desta prática são preponderantes neste cenário, em especial ao se tratar de crianças que, muitas vezes, ainda não foram apresentadas à importância destes conceitos.

Ademais, atualmente o surfe tornou-se um esporte extremamente popular no Brasil e no mundo (Bastos, 2017). O esporte, antes até mesmo marginalizado perante a sociedade, hoje em dia, está passando por uma expressiva popularização, cada vez atraindo mais fãs de diferentes faixas etárias ou classes sociais (Bastos, 2017). Dito isto, destaca-se que a prática também não apenas progrediu quanto ao reconhecimento social e popularidade, mas também evoluiu consideravelmente quanto às formas de treinamento, tecnologia e segurança dos equipamentos e no aperfeiçoamento da técnica (Moreira, 2009). Entretanto, ainda é possível observar certa carência na literatura acadêmica quanto a este esporte, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos pedagógicos por trás do ensino de suas técnicas e as suas potencialidades no âmbito da educação física escolar, visto que poucas pesquisas se propõem a entender quais as concepções didáticas e métodos desenvolvidos para o ensino do surfe. Destarte, observa-se que esta pesquisa pode

contribuir num maior entendimento no que diz respeito à utilização desta prática como aliada no desenvolvimento de indivíduos ecologicamente mais conscientes.

Para complementar, outra justificativa para a realização desta pesquisa é a possibilidade de seus resultados servirem de embasamento teórico para a utilização das atividades de aventura na natureza, em especial o surfe, nas aulas de Educação Física nas escolas não só de Florianópolis, mas também de outras cidades. Nesta perspectiva, a BNCC (Brasil, 2018) e a Proposta Curricular da Rede de Ensino de Florianópolis (Florianópolis, 2016) legitimam a inclusão destas atividades no currículo de Educação Física e enaltecem a importância de suas relações com a natureza no desenvolvimento de sujeitos mais engajados nas causas ambientais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Para embasar a pesquisa, foi desenvolvida esta revisão de literatura, a qual consiste nos seguintes tópicos: (1) Atividades de Aventura na Natureza, (2) Surfe como meio de transformação, (3) Educação Ambiental e (4) Surfe e Educação Ambiental. Dito isto, destaca-se que estes tópicos foram selecionados com a finalidade de introduzir o leitor sobre as principais temáticas abordadas neste trabalho, possibilitando relacionar seus conteúdos entre si e compreender melhor os objetivos deste estudo.

Primeiramente, foram escolhidas pesquisas científicas que debatessem sobre os conceitos gerais de atividades de aventura na natureza e como tais vivências podem influenciar numa mudança de mentalidade de seus praticantes em relação às suas percepções quanto a si mesmos e com o ambiente natural. Em seguida, foram introduzidos alguns estudos que abordassem sobre o surfe em específico, destacando suas principais características e também sobre o seu potencial de transformar de maneira significativa o estilo de vida dos indivíduos, também observando alterações em suas formas de se relacionar com a natureza. Para complementar, foram mencionados autores que se preocuparam com aspectos voltados à Educação Ambiental, enaltecendo a relevância e complexidade deste tema, para, assim, além do leitor se familiarizar com tais assuntos, também ser capaz de refletir sobre as possibilidades destes componentes dialogarem e se articularem entre si.

2.1 ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA

De acordo com Costa, Marinho e Passos (2008), atividades de aventura são diversas práticas, que podem ocorrer tanto em ambientes naturais como artificiais, que possuem características diferentes dos esportes tradicionais. Tais distinções podem ocorrer em relação às condições da prática, os objetivos, a motivação e principalmente as relações estabelecidas entre o meio em que a atividade é realizada e também os demais participantes ali presentes. Diante disto, os mesmos autores salientam que estas modalidades carregam em si determinados valores e conceitos pertencentes às novas tendências culturais das sociedades contemporâneas.

Marinho (2006) enfatiza que são atividades caracterizadas pela presença de riscos e perigos calculados, na maioria das vezes. Também chama a atenção para o fato de que a experimentação destas vivências ocorrer de maneira mais direta, sem a existência de treinamentos intensivos prévios, isto é, muitas vezes, o primeiro contato do participante com aquela modalidade já ocorre no seu ambiente específico e em condições de imprevisibilidade, não havendo uma preparação prévia muito elaborada para a sua finalidade.

Por sua vez, Tahara e Schwartz (2003), as atividades de aventura na natureza estão atreladas ao termo “radical”, nas quais, estão presentes os riscos, a vertigem e a superação de limites, sendo eles internos ou externos. Os autores destacam uma busca incessante pelo prazer e por uma sensação de liberdade e salientam a realização de vivências significativas em um meio natural, onde os praticantes são atraídos pelo entretenimento, por emoções e pela oportunidade de aventura através de práticas alternativas e criativas. Entre algumas dessas práticas, pode-se citar: montanhismo, slackline, surfe, paraquedismo e entre outras.

Por sua vez, Le Breton (2009) destaca como tais sensações estão vinculadas a presença do risco nestas atividades. Atualmente, cada vez mais controlados por técnicas e equipamentos de segurança, este elemento proporciona sensações intensas de prazer e agrega valores pessoais associados à superação de limites. Deste modo, tais valores podem ser internalizados pelos indivíduos e podem se tornar presentes também em situações do cotidiano, alterando a forma na qual as pessoas lidam com as dificuldades e desafios e também como enxergam a si mesmas, os outros e os ambientes nos quais elas estão inseridas (Le Breton, 2009).

Nesta perspectiva, Bruhns (2009), salienta que a realização de atividades de aventura na natureza possibilita sensibilizar os sujeitos, uma vez que este tipo de vivência proporciona uma aproximação muito significativa entre os indivíduos e o meio natural. Através dessas práticas, são estabelecidas relações de afeto e a necessidade de conhecer e se integrar cada vez mais com estes locais. Além disso, nota-se que tais atividades estão ganhando um número muito representativo de novos adeptos a cada ano que passa (Bruhns, 2009). Entre os principais fatores responsáveis por este fenômeno, destaca-se: a melhoria dos equipamentos e apetrechos de segurança utilizados (Marinho, 2009) e a tentativa dos sujeitos de “fugir do caos urbano”, à medida que os grandes centros estão cada vez mais populosos e desordenados (Tahara, Dias e Schwartz, 2006).

Desta maneira, no próximo item desta revisão de literatura, serão discutidos aspectos relevantes a respeito do surfe. Neste sentido, nota-se que ele é considerado uma atividade de aventura na natureza e também apresenta o potencial de modificar não só estilo de vida de seus praticantes, mas também as suas percepções em relação ao meio ambiente.

2.2 SURFE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO

O surfe, assim como outros esportes radicais ou de aventura, está frequentemente associado a mudanças significativas no estilo de vida de seus praticantes (Guimarães, 2012). Por se tratar de uma prática que depende constantemente de fatores externos, como ventos, ondulações e mudanças de marés, os surfistas normalmente tornam-se verdadeiros especialistas no que diz respeito a isso, sendo, de certa forma, obrigados a conhecer e compreender fenômenos da natureza e como eles se relacionam entre si (Finnegan, 2015). Conforme Finnegan (2015, p. 51): “Surfar, para começo de conversa, não era um esporte. Era um “caminho”. E, quanto mais investia nele, mais você recebia em troca”. Tal trecho obtido da obra “Dias Bárbaros: Uma vida no surfe” retrata um pouco sobre essa verdadeira obsessão que tal prática pode acarretar em seus adeptos e como ela pode modificar a forma com que os indivíduos enxergam e se relacionam com o meio natural, consigo mesmo e com o restante da sociedade.

Através destes entendimentos trazidos por Finnegan (2015), sobre a necessidade dos surfistas em conhecer e entender a relevância que certos fenômenos naturais exercem na prática do surfe, pode-se observar que estes sujeitos também possam entender a necessidade de preservar o ambiente, principalmente no que se refere às praias e oceanos. Tal apontamento também é mencionado por Betrán (1995) ao se referir às atividades de natureza de forma geral, uma vez que tais vivências promovem uma integração entre ser humano e natureza e uma nova percepção sobre a importância de manter uma relação de equilíbrio neste aspecto.

Neste contexto, através dos estudos de Brasil e Carvalho (2009), as autoras ao dialogarem com diversos surfistas, constataram que, para muitos destes sujeitos, o surfe vai além de um simples hobby, no qual é possível separar a prática do restante das suas ações diárias, mas sim é considerado como um modo de levar a vida. Assim sendo, observaram que o surfe é uma espécie de “passaporte” para se perder na

dimensão do tempo e espaço, no qual, é possível fugir do ritmo urbano e dos compromissos para se integrar de forma significativa e intensa ao meio natural.

Na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, o surfe tem se mostrado cada vez mais presente no cotidiano das pessoas (Vieira, 2012). A cidade, por apresentar condições muito favoráveis à prática desta modalidade, tem atraído um número expressivo de praticantes, tanto indivíduos que buscam o surfe como recreação como atletas profissionais que encontraram na ilha catarinense um cenário ideal para suas rotinas de treinamento (Vieira, 2012). Neste contexto, destaca-se que, hoje, o Brasil é uma verdadeira potência na cena mundial, visto que os atletas brasileiros têm dominado os circuitos internacionais nos últimos anos (sete títulos nos últimos nove disputados). A geração *Brazilian Storm* (Tempestade Brasileira) conta com nomes expressivos como Gabriel Medina, Filipe Toledo e Ítalo Ferreira, e foi responsável, através da combinação de manobras progressivas e inovadoras, por revolucionar o esporte e atrair uma multidão de fãs ao redor do mundo (Freitas, 2023).

A partir destes entendimentos, o próximo item irá focar suas discussões em conceitos voltados à Educação Ambiental, enaltecendo a importância de conscientizar as novas gerações na busca por uma relação de harmonia entre as atividades humanas e a natureza. Assim sendo, serão mencionados autores cujas pesquisas são relevantes nesta área do conhecimento e também já estabeleçam conexões com as atividades de aventura na natureza.

2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Diante de uma crise socioambiental sem precedentes e com previsões catastróficas para a humanidade, Trevisol (2003) salienta que a Educação Ambiental é um tema urgente, que não pode mais ser adiado ou deixado para segundo plano. Desta forma, em um cenário no qual as relações entre a sociedade e a natureza estão cada vez mais desequilibradas, educar para a sustentabilidade possui um papel fundamental para o estabelecimento de mentalidades e ações menos prejudiciais ao meio ambiente (Trevisol, 2003).

Liporoni et al. (2022) destaca que a Educação Ambiental deve ser um processo de formação dinâmico, permanente e participativo, que tenha entre seus principais objetivos a formação de agentes transformadores, que se dediquem

profundamente na busca por alternativas para a diminuição de impactos ambientais e para o uso consciente dos recursos naturais do planeta.

Além disso, pode-se observar que tais conceitos já se encontram previstos em lei e que, assim sendo tratam-se não só de um direito, mas também de um dever de todos os cidadãos brasileiros. Dito isto, nota-se que a Constituição Federal, de 1988, através de seu artigo 225, estabelece que remete ao poder público e à coletividade não só garantir que todos tenham direito ao meio ambiente equilibrado, mas também garantir tal cenário para as futuras gerações (Brasil, 1998).

Neste entendimento, o autor ressalta a importância do desenvolvimento de indivíduos críticos e conscientes durante este processo, capazes de refletir sobre suas ações a partir de seus próprios critérios estabelecidos. Conforme Reigota (2007, p. 46): “A educação, seja formal, informal, familiar ou ambiental, só é completa quando a pessoa pode chegar nos principais momentos de sua vida e pensar por si próprio, agir conforme os seus princípios, viver segundo seus critérios”.

Ademais, Sorrentino (1997) salienta alguns atributos apresentados na literatura considerados fundamentais para uma formação acerca da questão ambiental, fundamentando a mentalidade já mencionada neste atual estudo. Entre eles, o autor destaca a importância de estimular uma visão global e crítica das questões socioambientais, instigando a participação dos indivíduos durante a análise e resolução de problemas deste caráter. Além disso, observa o papel da interdisciplinaridade neste processo, na qual, diferentes saberes podem atuar juntos na criação de soluções. Por fim, ainda acrescenta a relevância do componente atitudinal, ressaltando o desenvolvimento de valores, princípios e comportamentos em prol da sustentabilidade e equilíbrio entre a ação humana e o meio natural (SORRENTINO, 1997).

Por fim, o último item desta revisão teórica, apresenta o objetivo de estabelecer conexões entre o Surfe e a Educação Ambiental, mencionando como a modalidade pode ser utilizada como uma ferramenta importante no desenvolvimento de sujeitos mais conscientes quanto às questões ambientais.

2.4 SURFE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Através destes estudos levantados durante esta revisão de literatura, é possível observar em seus apontamentos que as atividades de aventura na natureza,

ou outros termos semelhantes, tendem, por suas características principais, promover em seus praticantes mudanças significativas na maneira como tais sujeitos compreendem e se relacionam com certos ambientes naturais (Betran, 1995; Bruhns, Marinho 2006). Por estabelecer um contato frequente nestes espaços em virtude de suas atividades, os sujeitos passam a ressignificá-los em meio à situações de afeto, superação, humildade e contemplação (Lavoura, Schwartz e Machado, 2008).

Desta maneira, em virtude desta ressignificação ou até mesmo reencantamento (Bruhns, 2000), os sujeitos passam a se conscientizar sobre a real necessidade de preservar tais ambientes, uma vez que são imprescindíveis para exercer suas atividades. A partir de tais entendimentos, pode-se observar que o surfe também pode apresentar um potencial muito significativo nestes processos voltados à promoção da Educação Ambiental, posto que os surfistas são indivíduos que se vêem obrigados a conhecer muito bem os seus locais de prática, no geral, a praia e o mar (Moreira, 2009).

Para adquirir tais conhecimentos, a observação e interpretação de tais fenômenos são fundamentais, podendo levar muitos anos para desenvolver uma compreensão satisfatória (Finnegan, 2015). Diante disso, observa-se que a presença nas praias se faz necessária de uma forma quase constante, no intuito de analisar como tais variações interagem entre si e quais seus efeitos na prática do esporte (Finnegan, 2015). Neste processo, muitos outros fatores também podem ser observados, como o fato da perda da biodiversidade (vegetações costeiras e morte de animais marinhos) e o aumento da poluição (resíduos plásticos, esgoto e entre outros) estarem cada vez mais recorrentes no cotidiano destes ambientes mencionados (Mizoguchi, 2019).

Assim sendo, também podem constatar como este aumento pode ser extremamente prejudicial para o desempenho de suas práticas, tornando-o prejudicial à saúde ou até mesmo inviabilizando a sua realização. É possível, portanto, levantar a hipótese que estas percepções também serem determinantes na formação de sujeitos mais conscientes quanto à preservação destes ambientes, em virtude de que outros autores também chegaram a conclusões semelhantes, como Bertran (1995) e Bruhns (2000) ao investigarem sobre as atividades de aventura na natureza e suas potencialidades neste quesito.

Diante disso, observam-se outros trabalhos científicos com temáticas e objetivos semelhantes ao presente estudo. Caetano (2015), através de suas

pesquisas, relatou a experiência de como utilizar uma escola de surfe para promover a educação ambiental de seus alunos através de metodologias desenvolvidas para isso, evidenciando como iniciativas como essa podem obter resultados positivos. Para isso, elaborou um planejamento que conciliava a prática do surfe com conteúdos como poluição, animais marinhos, canais da cidade de Santos, previsão de ondas e clima. Deste modo, ao final da intervenção, introduziu uma avaliação qualitativa com os alunos a fim de analisar se os seus conhecimentos sobre os temas foram ampliados ou não.

Por sua vez, Liporoni et al. (2022) também obteve sucesso em seus resultados ao explorar a possibilidade de utilizar o Stand Up Paddle nas aulas de educação física no contexto escolar para promover a educação ambiental. Com este objetivo, além de vivenciar a prática desta modalidade, os estudantes da turma escolhida também participaram da construção das pranchas e remos com o uso de materiais reciclados. Ao final da intervenção, foi desenvolvido um manual didático sobre a construção deste material e os pesquisadores, também utilizando uma análise qualitativa, constatam um aumento no nível de conscientização ambiental dos alunos. Portanto, nota-se também como estas atividades possuem um potencial considerável para serem trabalhados nos currículos escolares, principalmente no intuito de gerar discussões quanto a preservação ambiental e sustentabilidade nas novas gerações (Franco, 2009).

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa descritiva. Dito isto, observa-se que esta perspectiva metodológica procura analisar e interpretar as informações coletadas durante a investigação de forma contextualizada (Negrine, 2004). Posto isto, está atrelada às subjetividades, tanto quanto ao investigador, que interpretou as informações conforme os contextos nas quais elas estão, quanto aos sujeitos participantes, uma vez que eles também manifestaram suas próprias percepções quanto à temática do estudo.

Além disso, a pesquisa possui uma natureza aplicada, pois foi elaborada no intuito de buscar a solução de problemas reais e específicos (Gerhardt e Silveira, 2009). Neste sentido, por apresentar a finalidade de esclarecer determinados conceitos e formular certas hipóteses, também pode ser classificada por seu caráter exploratório. Deste modo, destaca-se que também pode servir de fundamentação para intervenções futuras com temas semelhantes.

Ao mesmo tempo, conforme seus objetivos, também pode ser considerada uma pesquisa descritiva, visto que também apresentou o objetivo de estabelecer relações entre as variáveis relacionadas às características de um grupo. Deste modo, por apresentar certa característica em sua metodologia, também pode ser considerada uma pesquisa correlacional já que buscou promover relações entre a prática do surfe com o nível de conscientização ambiental de crianças e jovens.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

No que diz respeito à população deste estudo, observa-se que compreende crianças e adolescentes com idades entre os oito e quinze anos que residem na Grande Florianópolis (Florianópolis e Garopaba). A escolha desta faixa etária está relacionada ao nível de entendimento necessário para as perguntas elaboradas e pelo fato de ser uma idade na qual os praticantes estão se introduzindo ao esporte escolhido (surfe). Neste sentido, destaca-se que, conforme Gallahue e Ozmun (2005),

esta idade está relacionada à fase motora especializada, na qual, ocorre o aperfeiçoamento dos movimentos fundamentais e seria a ideal para iniciar os processos de especialização nos esportes. Ademais, acrescenta-se que será uma amostragem não-probabilística por conveniência.

Assim sendo, foram definidos três grupos distintos para a realização da pesquisa. O primeiro deles se refere a crianças e jovens (com a faixa etária indicada) que surfam e que aprenderam as técnicas e saberes da prática através de uma metodologia de ensino especializada, ou seja, que frequentaram instituições de surfe, como escolinhas ou associações (Grupo 1). O segundo grupo é de indivíduos que surfam e que aprenderam a modalidade por conta própria ou com o auxílio de familiares ou amigos, isto é, não frequentaram instituições de ensino de surfe ou semelhantes (Grupo 2). Por último, o grupo de sujeitos que não praticam o surfe (Grupo 3).

Para essa pesquisa foram consideradas como surfistas aqueles com tempo de prática superior a seis meses e que realizem a atividade pelo menos uma vez por semana. A modalidade de surfe requisitada para participar do estudo será a de surfe em pé, com pranchinhas ou pranchões (*longboards*). Além disso, todos os componentes dos grupos estabelecidos devem estar matriculados na rede pública de ensino, a fim de evitar discrepâncias sobre os conteúdos curriculares das escolas dos estudantes entrevistados.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para realizar a coleta de dados para a pesquisa, foi realizada com os grupos 1 e 3 um grupo focal. Desta maneira, o conteúdo dos grupos focais foi gravado em áudio para posterior transcrição e análise. Já em relação ao grupo 2, as entrevistas foram feitas de forma individualizada com os participantes.

Para a condução dos grupos, o pesquisador utilizou um guia com perguntas que atendiam as temáticas e atingiram os objetivos da pesquisa. A estruturação do guia foi realizada a partir do embasamento teórico conforme o quadro explicativo sobre o instrumento de pesquisa.

Quadro 1 – Organização dos blocos e fundamentação das perguntas do guia para os grupos focais:

Objetivo	Pergunta	Fund. Teórica
Compreender os possíveis conceitos de EA	O que você pensa quando alguém fala Educação Ambiental? Pra você, o que significa preservar a natureza? Você acha que as ações dos seres humanos interferem no meio ambiente?	Marinho (2006) Reigota (1997)
Investigar se os entrevistados possuem vínculos com o meio ambiente.	Você costuma passar muito tempo na natureza (praias, parques, trilhas e etc)? Quais as sensações que vocês percebem estando nesses lugares? O que chama sua atenção quando você está nos locais mencionados?	Bruhns (2000) Reigota (1997)
Verificar se os participantes percebem indícios dos danos ao meio ambiente causado pela ação humana.	Quando você frequenta os locais citados, percebe algum efeito da poluição (ar, solo, água...)? Como você acha que este fato afeta o meio ambiente? Você acha que suas atividades nestes lugares são prejudicadas diante disto?	Reigota (1997) Sorrentino (1997)

Verificar se os entrevistados entendem a relevância de preservar o meio ambiente.	Qual a importância de “cuidar” do meio ambiente? No seu dia a dia, você realiza algumas ações de cuidado com o meio ambiente? Quais? Você acredita que essas atitudes podem fazer a diferença na preservação do meio ambiente? Você conhece algum projeto ou organização de preservação ambiental?	Marinho (2006) Reigota (1997)
Estabelecer relações com os conteúdos estudados na escola.	Na sua escola você já aprendeu ou ouviu falar sobre EA? Se sim, foi na aula de EF? Na sua escola você já aprendeu ou ouviu falar sobre preservação, poluição, conservação do meio ambiente? Se sim, foi na aula de EF?	Reigota (1997)

Em relação à escolha das entrevistas com os grupos serem realizadas em forma de grupo focal, observa-se que tal procedimento é considerado uma ferramenta eficaz em pesquisas qualitativas (Dias, 2000). De acordo com Dias (2000), o propósito central desta técnica é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes em relação a determinada temática, neste caso, a educação ambiental.

O autor acrescenta ainda que no caso de pesquisas exploratórias, é possível desenvolver novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do investigador.

Conforme com Johnson (1994), a interação e a energia gerada pelos participantes em um grupo focal, pode ocasionar um aumento significativo na diversidade e nível de profundidade das respostas. Isto é, o autor observa que a combinação de esforços pode produzir uma maior riqueza de informações e detalhes do que o respostas individuais.

Entretanto, para a coleta de dados com o grupo 2, a escolha se deu por realizar as entrevistas de forma individualizada, mantendo o mesmo guia de perguntas. Deste modo, destaca-se que tal escolha se deu pela dificuldade em reunir crianças e adolescentes em um número suficiente no mesmo local e horário para efetuar as entrevistas em um grupo focal, uma vez que elas não participam de uma mesma instituição ou projeto, residem em locais diferentes e etc.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os procedimentos referentes à coleta de dados desta pesquisa ocorreram conforme os grupos já pré-estabelecidos neste capítulo. Para seleção dos participantes do primeiro grupo constituído por crianças e jovens que surfam e que frequentam instituições que se propõem a ensinar as técnicas da modalidade através de determinadas metodologias de ensino, o pesquisador convidou os praticantes que se encaixavam nos critérios de inclusão frequentadores do Instituto “Ser Humano Surfe”, situado na cidade de Garopaba, localizada na Grande Florianópolis. O projeto que atende dezenas de crianças três vezes por semana também oferece aulas de inglês, yoga e artes.

As crianças foram convidadas presencialmente com a visita do pesquisador ao projeto e a entrega do TCLE¹ aos responsáveis. Cabe ressaltar que a instituição forneceu dados pessoais dos possíveis participantes da pesquisa. A busca por outras crianças e jovens praticantes de surfe (referentes ao grupo 2) ocorreu através da técnica *snow ball* (bola de neve). Este método determina que, através do contato com os primeiros participantes e pela indicação deles, são localizados mais sujeitos

¹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

interessados em participar no estudo e que atendam aos requisitos estabelecidos (Vinuto, 2014). Também foi solicitada a autorização dos pais ou responsáveis legais dos participantes que demonstrarem interesse em participar da pesquisa e que atendam aos critérios de inclusão definidos. Destaca-se que os participantes deste grupo também eram residentes da Grande Florianópolis e também estavam na mesma faixa etária dos outros grupos participantes (9 a 14 anos de idade).

Já em relação ao terceiro e último, referente aos participantes que não praticam o surfe, a seleção foi feita através do contato com a Prefeitura Municipal de Garopaba, mais especificamente com a Secretaria Municipal de Turismo, que administra o setor de esportes do município. A prefeitura oferece às crianças e jovens da região aulas de diversas modalidades, como futebol de campo, futsal, vôlei, Jiu-jitsu, Karatê e entre outras. Desta maneira, após entrar em contato com os responsáveis por tais atividades e obter a autorização necessária, também foram realizadas entrevistas com as crianças e adolescentes da faixa etária mencionada (9 a 14 anos) que participavam de alguma das atividades oferecidas. Vale ressaltar, que os jovens que participavam destas atividades e que também surfavam, não foram incluídos no grupo 3, devido à prática do surfe ser um critério de exclusão deste grupo.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Destaca-se que, para a realização do estudo, foram respeitados os aspectos éticos relacionados aos sujeitos da pesquisa, tais como o tratamento e análise dos dados coletados. Desta forma, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos CAAE: 82950724.6.0000.0121 conforme o parecer 7.112.847. Neste sentido, salienta-se também que tanto os participantes entrevistados como os seus responsáveis consentiram com a realização dos procedimentos e assinaram os termos necessários.

3.6 ANÁLISE DE DADOS

Para analisar os dados coletados durante os grupos focais, foi empregada a metodologia de análise de conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin. Segundo Santos (2011), a autora estabelece como principal função desta análise o desvendar crítico. Tal técnica é utilizada para a interpretação de pesquisas qualitativas e determina critérios para a organização de uma análise: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Santos, 2011).

Diante disso, na primeira fase, chamada pré-análise, o material foi organizado conforme a escolha dos documentos, criação de hipóteses e elaboração de indicadores que nortearam a interpretação final. Em seguida, na segunda fase, referente à exploração do material, as informações foram codificadas e agregadas em unidades, que foram denominadas neste estudo como categorias de análise. Segundo Bardin (2011), o conceito de unidade de registro está associado a um tema, palavra ou frase.

Na próxima etapa, ocorreu o tratamento dos resultados e a interpretação. Deste modo, a autora destaca que a interpretação deve ser feita por meio da inferência, técnica orientada por diferentes pólos de atenção: emissor, receptor, mensagem e canal.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Descrição da Amostra

Durante a realização da pesquisa, foram realizadas entrevistas com 17 crianças e jovens divididos em três grupos distintos previamente determinados. Sendo assim, sete foram entrevistadas para o primeiro grupo (Grupo 1) referente aos alunos do Instituto Ser Humano Surf, sendo dois meninos (11 e 15 anos) e cinco meninas (9, 10 e 14 anos). Todos os entrevistados apresentaram tempo de surfe superior a seis meses, sendo que praticam a modalidade pelo menos uma vez por semana. Por a instituição se situar no município de Garopaba, citaram a Praia Central e a Praia da Ferrugem como seus principais locais de prática do surfe.

Neste sentido, observa-se que a Praia Central, também conhecida como "garopabinha" é a principal escolha da região para surfistas iniciantes, sendo o local onde ocorrem às aulas do projeto e também onde foram realizadas as entrevistas com as crianças. Enquanto que a Praia da Ferrugem é uma opção que oferece ótimas condições para o surfe e é frequentada por surfistas com diferentes níveis de habilidade.

Dito isto, destaca-se que as entrevistas foram feitas antes da aula do Instituto Ser Humano Surfe, realizada na Praia Central de Garopaba nas manhãs de quartas-feiras. As perguntas foram realizadas com dois participantes de cada vez, à medida que eles chegavam para realizar a aula de surfe. Foi possível observar durante as visitas ao projeto que a maioria dos alunos não possuíam pranchas ou roupas de borracha próprias, sendo o próprio Instituto responsável por prover o material aos alunos. À vista disso, também foi possível perceber que grande parte dos jovens do Grupo 1 só praticava o surfe durante as aulas.

Já para o segundo grupo (Grupo 2), foram entrevistadas quatro indivíduos, três meninos (com idades de 8, 11 e 15 anos) e uma menina (12 anos), sendo que todos afirmaram praticar a modalidade há mais de dois anos. A primeira entrevista foi realizada na Praia Mole, em Florianópolis, com dois surfistas que afirmaram que ali era o seu local diário de treinamento. Já a outra entrevista realizada para este grupo foi na Praia da Ferrugem, em Garopaba, que também é o local de prática dos jovens.

Por se tratar do grupo que aprendeu a surfar por conta própria ou com a ajuda de amigos ou familiares, ambas as entrevistas foram realizadas na presença dos pais ou responsáveis, que acompanham frequentemente os treinos dos surfistas. Diferente dos integrantes do grupo 1, estes participantes já se mostraram bem mais independentes e até mesmo inseridos no esporte, uma vez que já possuíam equipamento próprio, participavam de campeonatos e até mesmo já contavam com patrocinadores.

Por fim, foram entrevistadas seis participantes para o Grupo 3, referente aos participantes que não surfam. Foram realizadas duas entrevistas, cada uma com três meninas, realizadas com alunas de vôlei de um projeto esportivo oferecido pela Prefeitura de Garopaba. As idades das entrevistadas ficaram entre nove a doze anos e as conversações foram feitas no Ginásio Municipal, mesmo local onde ocorrem as aulas. Neste sentido, observa-se que durante as entrevistas, às crianças não estavam na presença dos responsáveis.

4.2 Análise dos Resultados e Discussão

Com o intuito de atingir o objetivo geral de analisar se as crianças e jovens praticantes de surfe apresentam uma maior conscientização ambiental em relação àquelas que não foram realizadas entrevistas com os três grupos pré-estabelecidos. Para isto, foram elaboradas perguntas com temáticas voltadas à Educação Ambiental, com a finalidade de observar as principais percepções e entendimentos dos entrevistados sobre o assunto. Neste sentido, também foi possível investigar se as metodologias de ensino da modalidade estão associadas à promoção da Educação Ambiental e discutir as potencialidades e problemáticas do surfe no âmbito escolar, considerando a possibilidade de auxiliar no desenvolvimento de estudantes mais ecologicamente conscientes.

A fim de contemplar os objetivos mencionados, as perguntas foram divididas em quatro blocos principais. Desta forma, as categorias de análise foram determinadas a partir destes blocos (Bardin, 2011), sendo as questões fator determinante da categoria. Neste contexto, as quatro categorias pré-determinadas foram: 1) Possíveis conceitos de Educação Ambiental; 2) Vínculos com o meio ambiente (sensações e percepções); 3) Poluição observada e relevância de preservar o meio ambiente; 4) Papel da escola nesta relação.

Vale ressaltar que, independente dos grupos, as perguntas realizadas foram as mesmas, uma vez que o objetivo principal era comparar as respostas quanto à temática da Educação Ambiental e não sobre a prática do surfe ou outros aspectos relacionados à modalidade. Entretanto, mesmo não estabelecendo o foco neste assunto, destaca-se que foi possível observar nos resultados um número significativo de menções ao esporte.

Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes, com o propósito de manter o sigilo dos dados e também preservar a identidade dos participantes. Vale salientar ainda que todas as entrevistas foram gravadas com o auxílio do celular do entrevistador a fim de facilitar a análise dos dados.

4.2.1 Categorias de análise

4.2.2 Categoria 1: Possíveis conceitos de Educação Ambiental

No início da entrevista, após uma breve conversa inicial, era questionado para os participantes o que elas entendiam por Educação Ambiental. Posto isto, a partir de suas respostas, observou-se que os jovens parecem entender que quando se trata de educação ambiental o conceito direciona para o cuidado com o meio, conforme exemplo dado por Carol, de 10 anos, referente ao grupo que não surfa:

“Para mim, é para educar para a gente cuidar do meio ambiente, assim, para tentar deixar Garopaba mais limpo...” (Carol)

Já Everton, de 15 anos e aluno do Instituto Ser Humano Surfe, menciona em sua resposta outros aspectos, como a conscientização que os seres humanos devem ter quanto ao desmatamento, à poluição e ao uso dos recursos naturais. Segue trecho de sua resposta:

“Eu penso sobre a conscientização que a gente precisa ter em relação ao desmatamento, à poluição do meio ambiente, em relação a... Como é que é a palavra mesmo? O uso desenfreado dos recursos que a natureza nos proporciona.” (Everton)

Everton, quando questionado sobre o que seria preservar a natureza, acrescenta que:

“Cuidar da natureza seria proteger não só o ambiente que a gente vive, mas também os animais, as criaturas que vivem nele, as plantas, todo o ecossistema do nosso ambiente. Não só do ambiente onde a gente está, mas do planeta inteiro.” (Everton)

Esta declaração de Everton concorda com certos conceitos encontrados na literatura, como por exemplo, Liporoni et al. (2022), que conclui que a Educação Ambiental deve promover a formação de agentes transformadores e dedicados na busca por alternativas para a diminuição de impactos ambientais e para o uso consciente dos recursos naturais do planeta. Também pode-se citar Sorrentino (1997), já que o autor menciona a relevância de estimular uma visão global e crítica perante as questões socioambientais.

Por sua vez, Douglas, de quinze anos e que pertence ao grupo 2, afirmou em sua resposta a importância de não poluir a natureza e o descarte correto dos resíduos:

“Não poluir a natureza, jogar o lixo no lugar certo, orgânico, reciclável...” (Douglas)

Além disso, também citou a importância da cooperação de todos neste cenário:

“Tenta ajudar, mas não adianta só uma ajuda, tem que ser a ajuda de todos, né” (Douglas)

Neste sentido, observa-se a consonância do depoimento de Douglas com a própria Constituição Federal Brasileira de 1988, que determina que a garantia de um meio ambiente equilibrado não é apenas um direito, mas também um dever atribuído ao poder público e à coletividade, dependendo da cooperação de todos para a sua manutenção para as futuras gerações. (Brasil, 1998).

A partir desta primeira categoria de análise, observou-se que os jovens apresentam uma percepção positiva com relatos de cuidado e preocupação do meio ambiente. Assim, a próxima categoria tentou entender melhor sobre os vínculos existentes entre os participantes e a natureza.

4.2.3 Categoria 2: Vínculos com o meio ambiente

Após investigar sobre os entendimentos de Educação Ambiental das crianças e adolescentes participantes, o próximo bloco de perguntas visava analisar os vínculos existentes entre elas e o meio ambiente, mais especificamente as percepções e sensações das mesmas quando estavam em um ambiente natural. Além de averiguar sobre tais vínculos, o objetivo desta categoria de análise também era comparar as diferenças nas respostas entre os grupos, uma vez que havia a hipótese de que o meio natural (principalmente o mar e a praia) poderiam ter significados diferentes para o grupo de praticantes de surfe.

Para uma melhor visualização do leitor sobre as principais sensações mencionadas pelos entrevistados:

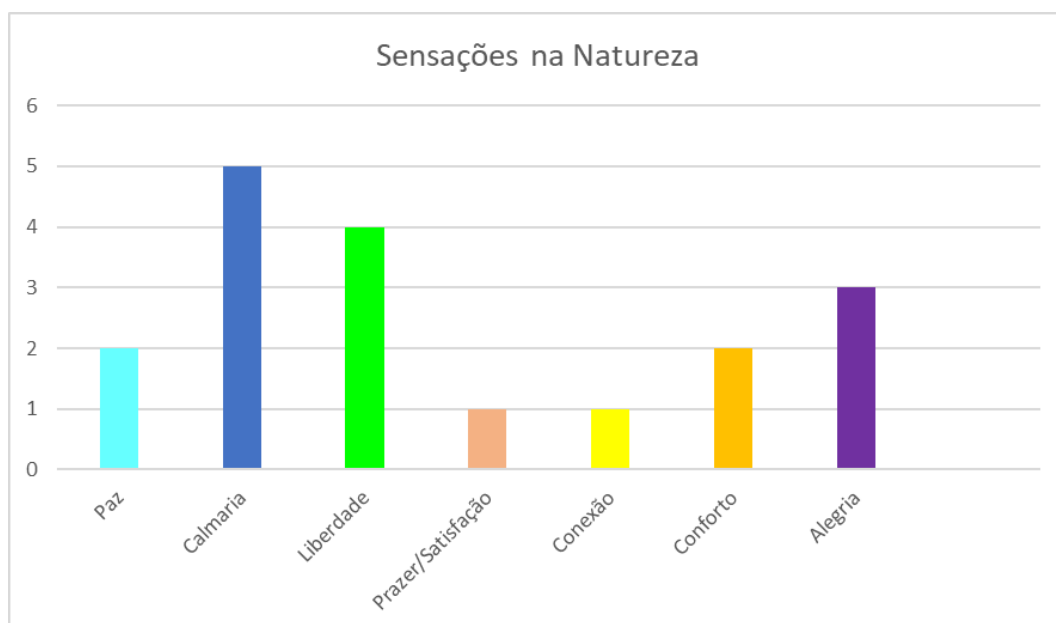


Figura 1: Gráfico referente às Sensações vivenciadas na Natureza

Fonte: o próprio autor

É possível observar que, independente do grupo em que os jovens estavam inseridos, foram citados, em sua totalidade, aspectos positivos ao serem questionados sobre as sensações percebidas em um meio natural. Neste sentido, há um destaque para percepções como calmaria, liberdade e alegria, o que vai de encontro aos estudos de Bruhns (2000), que ressaltam o papel da natureza em um processo de

reencantamento com o mundo, no qual, podem ser estabelecidas relações voltadas ao afeto e contemplação.

Douglas, participante do grupo 2, que afirma surfar praticamente todos os dias, menciona em seu depoimento:

“Ah, prazer, né? Estar ali é um lugar muito bom, né? Tipo, me satisfaz, é muito bom estar lá, sabe? Dá um alívio, está calmo, não tem problemas da vida lá, alí é tu e a praia...” (Douglas)

Na sequência ainda faz um comentário sobre os contrastes existentes entre diferentes formas de urbanização:

“É inexplicável É tudo bonito... vai alguma cidade aí cheia de prédio e não tem o que a gente vê todo dia, né?” (Douglas)

É interessante observar nestas declarações, a relevância que o ambiente natural exerce no dia a dia do surfista. Além disso, tais percepções vão no mesmo sentido das pesquisas de Brasil e Carvalho (2009), que investigaram os significados atribuídos à natureza por surfistas da Praia de Itamambuca, Ubatuba (SP). Neste estudo, os autores destacam o fato de que o surfe não se limita a um simples hobby, mas sim um modo de levar a vida e que não é possível separá-lo de outros momentos do cotidiano, sendo ele sempre presente de alguma forma.

Neste contexto, é possível perceber a semelhança entre a fala do surfista Douglas, de 15 anos, com surfistas entrevistados nos estudos de Brasil e Carvalho. Segue trecho obtido da obra *Pescadores Artesanais, Surfistas e a Natureza: Reflexões a partir de um olhar da Educação Física*, de 2009, pg:

“(...) ele te deixa de cabeça muito feita. Nesse momento eu tô na maior paz, entendeu? Ah, a gente fica realmente.... num tem palavras. Ce fica num estado, pô, ce fica completo né, porque você fez um exercício, você teve uma emoção, você teve um... uma conexão assim, você tem que se integrá ao mar (...) (R. G. J., Itamambuca, 2005)”²

Através destes relatos citados, tanto de Douglas como do surfista de Itamambuca (SP), pode-se notar como o surfe parece implicar em sensações e

² Transcrição literal do relato do surfista.

vínculos com a natureza com certas correspondências bastante significativas. Tal fato fica ainda mais evidente, quando se considera que os entrevistados pertencem a comunidades diferentes e também apresentarem faixas etárias distintas, uma vez que os surfistas entrevistados em São Paulo eram adultos.

Ainda sobre as questões envolvendo as sensações e percepções dos jovens quando estão em contato com a natureza, Marina (14 anos) e Vitor (11 anos), alunos do Ser Humano Surfe, também relataram vínculos positivos neste aspecto:

“Liberdade, proteção. De sentir um ar livre e diferente. Como se o oxigênio mudasse (...) sentir um ar diferente” (Marina)

“Um sentimento de paz, relaxamento” (Vitor)

No entanto, também é possível observar percepções semelhantes nas entrevistas realizadas com o grupo composto por indivíduos que não surfam (Grupo 3). Ao serem questionados sobre como se sentiam em contato com ambientes naturais, os participantes também mencionaram percepções positivas, como liberdade e conexão.

Segue o relato de Carol (10 anos) e Vitória (11 anos), ambas componentes do grupo 3:

“Ai, eu me sinto livre, assim, me dá uma liberdade bem grande, me dá uma sensação muito grande (...) mas o mar me conecta mais” (Carol)

“Eu me sinto mais solta, também. Mais livre. As árvores, assim, são muito gostoso” (Vitória)

Ao analisar estes depoimentos, observa-se o potencial que o contato com um ambiente natural, seja ele praias, lagoas ou trilhas, pode exercer na promoção da Educação Ambiental. Neste sentido, é possível perceber que à medida que são construídos vínculos positivos, como afeto e respeito, os indivíduos possam perceber a relevância de preservar a natureza e adotarem comportamentos mais conscientes e sustentáveis (Marinho, 2006).

Deste modo, verificados os principais vínculos estabelecidos entre os jovens e o meio ambiente, as próximas perguntas tiveram a finalidade de investigar a poluição observada quando os entrevistados estavam em contato com a natureza. Além disso,

as questões também tinham a finalidade de analisar a se os participantes consideravam relevante preservar estes ambientes.

4.2.4 Categoria 3 Poluição Observada e Relevância de Preservar a Natureza

A próxima categoria de análise está relacionada às perguntas que tinham o propósito de investigar sobre a percepção das crianças e adolescentes quanto à poluição. Para isto, elas eram questionadas se percebiam possíveis poluentes quando estavam em contato com a natureza, seus efeitos e também se consideravam que suas atividades eram afetadas por tais fatores.

Dito isto, foi possível elaborar um gráfico no qual estão representados os principais poluentes mencionados pelos participantes da pesquisa e a quantidade de vezes que eles foram citados ao longo das entrevistas.

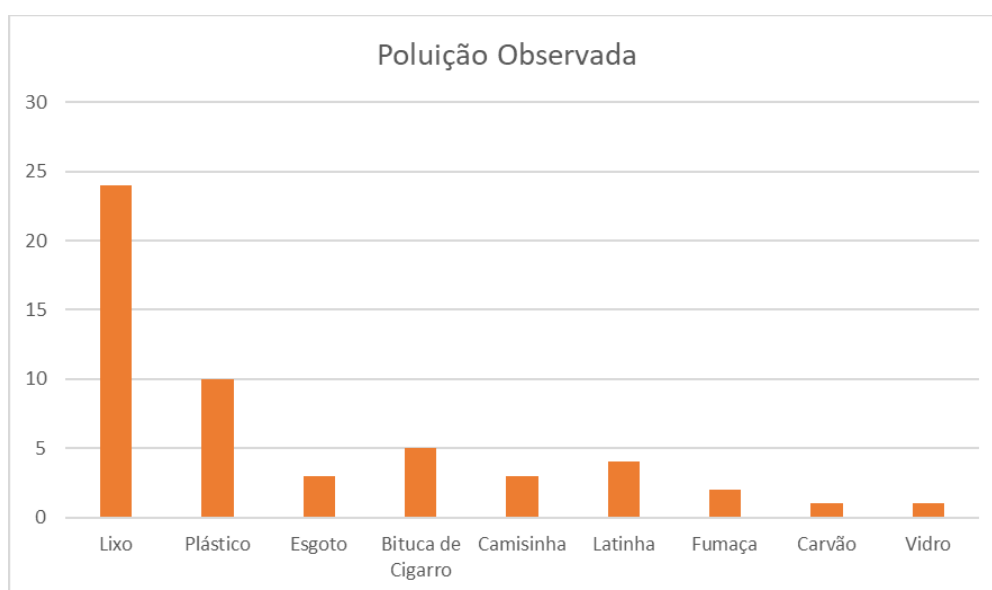


Figura 2: Gráfico referente aos principais poluentes observados
Fonte: o próprio autor

No decorrer das entrevistas, a maioria dos participantes afirmou encontrar algum tipo de poluente quando frequentam ambientes naturais, principalmente nas praias. Conforme o gráfico, a palavra lixo foi a mais citada (24 vezes), mas outras substâncias também foram mencionadas, como resíduo plástico (10), bituca de cigarro (5), latinhas (4) e entre outros. Diante disso, foram escolhidos alguns trechos das entrevistas que mencionam tais aspectos, como a fala de Vitória, de 11 anos, que pertence ao grupo 3 (não surfistas):

“Percebo. Muitas vezes em trilha tem coisa jogada, na areia tem um monte de lixo jogado. Eu já achei esses dias um pinguim na praia. Ele tava todo com lixo, com sacola...” (Vitória)

Já Paulo, da mesma idade e do grupo 2, que afirmou frequentar a Praia Mole e a Barra da Lagoa praticamente todos os dias, manifestou sua preocupação com o cuidado destes ambientes:

“Ainda mais a galera que acha que praia é qualquer coisa, joga camisinha no chão, joga lata de cerveja, joga sacola, deixa um monte de plástico (...) já vi balão no meio do mar, boia...” (Paulo)

Ademais, dos 17 participantes do estudo, 11 afirmaram que suas atividades realizadas em meio a natureza são afetadas negativamente pela poluição. Diante disso, alguns integrantes do grupo 1 e 2 (praticantes de surfe) relataram em seus depoimentos algumas situações que exemplificam como tais poluentes podem impactar suas práticas e quais suas atitudes perante isto.

Douglas (grupo 2) menciona:

Já aconteceu de várias vezes a gente estar surfando e já aconteceu de se embolar numa sacola várias vezes, estar surfando, ver o lixo, e aí acaba atrapalhando o treino, porque a gente vai lá e tira E tem que sair da água pra lá levar no lixo” (Douglas)

Já Amanda (grupo 1) descreve um episódio muito semelhante quando questionada se a poluição afeta suas atividades:

“Muito. E daí, às vezes quando eu tô surfando eu acho uns lixos, eu coloco aqui nesse bolso e depois eu joga nos lixos” (Amanda).³

Por sua vez, Everton (grupo 1), também destacou como a poluição dos oceanos prejudica a prática do surfe:

“Tipo, quando o mar tá muito poluído, não dá pra surfar. E quando tem lixo assim no mar, essas coisas, e eu tô surfando, afeta, sabe? Afeta a gente”. (Everton)

³ Neste momento, Amanda coloca a mão no bolso da roupa de borracha, que normalmente é utilizado para guardar chaves ou raspador de parafina.

Através destes depoimentos trazidos pelos participantes, pode-se constatar que, independente do grupo, a maioria dos jovens entrevistados alegaram encontrar algum tipo de poluente quando frequentam um meio natural e um número significativo afirmou que suas atividades são afetadas negativamente em consequência disso. Entretanto, os integrantes do grupo 1 e 2, que praticam o surfe, contaram alguns episódios bem específicos e se mostraram muito sensibilizados e preocupados com a preservação de seus ambientes de prática.

Diante destas preocupações dos surfistas mencionados acima, percebe-se certa consonância com os estudos elaborados por Bruhns (2009). Em suas pesquisas, o autor aponta a possibilidade de as atividades de aventura na natureza sensibilizarem os sujeitos sobre a importância de comportamentos mais sustentáveis, uma vez que seria necessário preservar os ambientes nos quais eles realizam suas atividades. Lavoura, Schartz e Machado (2008) contribuem para estes entendimentos, pois observam que as vivências corporais na natureza podem auxiliar no desenvolvimento de relações de parceria entre os seres humanos e a natureza, visto que relações de dominação acabam se tornando prejudiciais neste contexto.

Desta maneira, após averiguar sobre a poluição observada pelos entrevistados durante suas interações com a natureza, as questões se voltaram para o papel da escola nestes aspectos.

4.2.5 Categoria 4: Papel da Escola:

A categoria de análise referente ao papel da escola no trabalho de auxiliar o desenvolvimento da conscientização ambiental dos jovens e crianças está relacionada ao último bloco de perguntas. Em virtude disto, foram realizados questionamentos sobre a presença da Educação Ambiental nas escolas dos participantes e sobre a possibilidade desta temática ter sido estudada durante as aulas de Educação Física. Para completar, também eram questionadas se temáticas como preservação ou conservação do meio ambiente já tinham sido abordadas em suas atividades escolares.

As especificações sobre a presença dos conceitos de preservação ou conservação ambiental foram adicionadas devido ao fato de que talvez algumas dos entrevistados não associassem, naquela oportunidade, a Educação Ambiental com estes termos. Deste modo, tal questionamento aumentava as chances de os participantes mencionarem sobre a existência destes aspectos em sua trajetória escolar.

Em um primeiro momento, foi constatado que das 17 crianças e jovens entrevistados na pesquisa, 13 afirmaram que temas relacionados à Educação Ambiental já tinham sido trabalhados ao longo de sua formação escolar. Assim sendo, nota-se que destes 13 jovens, apenas dois mencionaram a presença destes conceitos nas aulas de Educação Física enquanto que 12 citaram sua aparição em outras matérias. Entre elas, as mais citadas foram ciências e geografia.

A partir de tais constatações, também foi possível perceber um aparente contraste entre as respostas. Entretanto, tal fenômeno não estava relacionado aos diferentes grupos estabelecidos pela pesquisa, mas sim pelas origens distintas dos participantes no que se refere às suas instituições de ensino. Neste aspecto, observa-se a diferença nos seguintes trechos retirados das entrevistas:

Everton (grupo 1), quando questionado sobre a presença da Educação Ambiental, em sua escola, responde:

“Em ciências a gente fala um pouco sobre isso, mas a gente não se aprofunda muito, sabe? A professora, assim, agora no nono ano, a professora se aprofundou um pouco mais pra gente sobre isso. Só que não se aprofundou muito, ela só falou, ela só falou tipo assim, a gente tem que cuidar do meio ambiente, a gente tem que fazer isso, aquilo, aquele outro. Mas só isso, sabe? A gente não se aprofunda tanto”. (Everton)

Já Carol (grupo 3), em sua resposta sobre o papel da escola, caracteriza um cenário diferente:

“(...) na minha escola tem uma máquina quadrada, quadradona, gigante, que se chama Ecoponto. Que é Recicle Bem. Que Garopaba fez para cuidarmos mais do meio ambiente. Todas as escolas municipais fazem isso. Eles têm que acumular pontos, que são garrafas, caixas de leite, latinhas, tudo que faz mal, assim, de plástico, fios, sacolas e etc. Tu pode ir lá, tu põe um saquinho, tu vai lá e vai botando na máquina, assim. Aí tu vai ganhando pontos. Aí tem o aplicativo, tu põe teu código (...) Tudo, teu cadastro, assim, mais ou menos,

que a escola te entrega. E aí tu vai acumulando pontos, aí tu vê quantos pontos. Aí tu pode resgatar prêmios. Eu já alcancei 500, e aí eu peguei um kit de talher, ainda está chegando...” (Carol)

Vitória, também do Grupo 3, acrescenta:

“Tem reduzir, reciclar, reutilizar, recusar e... São 6. São 6, a minha professora falou.” (Vitória)

“cada praia de Garopaba tem uma escola que monitora...” (Vitória)

Diante destes trechos, destaca-se que a diferença nas respostas obtidas neste bloco de perguntas foi um dos fatores que mais chamou a atenção durante as entrevistas. Posto isto, no intuito de reconhecer os motivos por trás deste contraste, foi investigado quais eram as instituições de ensino frequentadas por estes participantes. Com base neste questionamento, observou-se que enquanto Everton, de 15 anos, e outros participantes com respostas semelhantes às dele, responderam estudar na mesma escola estadual; Carol e Vitória, de 10 e 11 anos, afirmaram estudar em diferentes escolas municipais.

Deste modo, é interessante perceber como a diferença no tratamento que a escola oferece a determinados temas influenciou significativamente nas respostas dos participantes. Enquanto que os estudantes das escolas municipais, independente do grupo pertencente, destacaram diferentes formas como a temática é vivenciada na escola, com projetos de reciclagem e monitoramento das praias, alunos da instituição estadual, em sua maioria, relataram que tais assuntos eram tratados de forma muito superficial, sendo apenas citados em algum momento pelos professores.

A partir destas constatações sobre a influência das instituições de ensino nestes assuntos, é fundamental considerar o papel da escola na formação cidadã e a relevância dos temas contemporâneos transversais neste entendimento, à medida que partem do pressuposto que a educação escolar tem a responsabilidade de introduzir questões sociais nos currículos, trabalhando os conteúdos de forma crítica e contextualizada (Brasil, 2018).

Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular, por intermédio dos temas contemporâneos transversais, destaca o tema Meio Ambiente, que abrange temáticas como Educação Ambiental e Educação para o Consumo. Da mesma forma, conteúdos

como atividades de aventura também fazem parte do currículo da Educação Física Escolar e devem ser trabalhados com os alunos. Assim sendo, nota-se que, além do que foi observado ao longo das entrevistas deste trabalho, ambos os conteúdos possuem base legal e também fundamentação teórica para ser introduzidos nos contextos escolares. (Brasil, 2018)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da realização das entrevistas com os grupos, imaginou-se que haveria distinções significativas entre os participantes. Com a premissa de que as atividades de aventura na natureza fossem desempenhar um papel importante no nível de conscientização ambiental, era esperado que os membros dos grupos 1 e 2, referentes aos praticantes de surfe, iriam apresentar um entendimento mais profundo sobre os temas voltados à Educação Ambiental.

No entanto, ao longo dos diálogos e da análise deste material, observou-se não haver uma distinção tão aparente nestes aspectos. Não só ao comparar os praticantes de surfe com os não praticantes como também ao analisar os grupos 1 e 2, uma vez que as metodologias de ensino do surfe não impactaram de forma expressiva nos resultados obtidos ao longo das entrevistas.

Neste sentido, percebeu-se uma proximidade entre os conceitos mencionados quanto à Educação Ambiental, no qual, a maioria dos entrevistados citou o cuidado com a natureza, a preservação da fauna e da flora, o controle da poluição e entre outros. Deste modo, vale ressaltar que grande parte deles demonstrou preocupações com estes temas e também reconheceu que as atividades humanas impactam no meio ambiente

Já em relação à categoria 2, referente aos vínculos existentes com o meio ambiente, também se observou similaridades nas respostas. De modo geral, os participantes afirmaram passar bastante tempo na natureza e atribuíram diversos termos positivos à estas relações. Da mesma forma, a categoria 3, que investigou sobre a poluição observada pelos jovens, também demonstrou que um número considerável de participantes não só percebe a presença de poluentes em meios naturais, como também manifesta indignação perante ao fato.

Sendo assim, através da análise de seus resultados, esta pesquisa levanta a hipótese de que os jovens entrevistados ao longo do processo, por residirem a maioria em Garopaba, uma cidade pequena e litorânea em que o contato com a natureza se mostra constantemente presente na rotina de seus moradores, mantenham relações de proximidade com a natureza em seu dia a dia. Dito isto, nota-se que as particularidades do município podem permitir aos seus moradores vivenciar uma infância mais livre, autônoma e em contato frequente com atividades ao ar livre.

Vale ressaltar que este entendimento também foi observado nas pesquisas de Rambo e Roesler (2019), nas quais salientam a importância de aproximar as crianças ao mundo natural no desenvolvimento de indivíduos preocupados com o cuidado e preservação do meio ambiente. Para isso, as autoras também destacam o papel da escola neste processo, uma vez que é necessário oferecer, desde a primeira infância, vivências significativas com os elementos naturais, possibilitando o contato direto com a biodiversidade (Rambo, Roesler, 2019).

Diante disso, pode-se também estabelecer relações entre estes estudos com a quarta categoria de análise, referente ao papel da escola na promoção da Educação Ambiental. Através das entrevistas realizadas por esta pesquisa, foi possível perceber como um ambiente escolar realmente preocupado com as questões voltadas à preservação ambiental pode influenciar positivamente na formação de sujeitos mais conscientes perante tais assuntos.

Neste cenário, participantes que estudam na mesma rede de ensino, ao serem questionados sobre a presença da Educação Ambiental em suas escolas, citaram diferentes projetos vinculados ao tema, não só em matérias específicas, mas também fora da sala de aula, como programas de reciclagem e monitoramento de praias. Já alunos de uma administração diferente, relataram que nas poucas vezes que o tema é abordado, é tratado de forma superficial e apenas em determinadas disciplinas.

Ao refletir sobre o papel da escola nestas questões, também não se pode ignorar o potencial das aulas de Educação Física, haja visto as diferentes possibilidades de inserir as atividades de aventura nos conteúdos curriculares. Como foi demonstrado não só nesta pesquisa como também em outras já devidamente reconhecidas na literatura, a escola possui um papel determinante na promoção da Educação Ambiental, sendo assim, a introdução destas vivências seria mais uma ferramenta valiosa neste objetivo (Franco, Pereira, 2008).

Além disso, mesmo havendo semelhanças significativas entre os grupos (1, 2 e 3) para todas as categorias de análise, pode-se observar distinções relevantes aos interesses desta pesquisa. Desta maneira, constatou que algumas crianças que são praticantes de surfe (1 e 2) relataram uma conexão muito profunda com os seus locais de prática (a praia e o mar). Em diferentes depoimentos, mencionaram a importância que este ambiente possui em suas vidas, sejam elas para a sua saúde física ou mental, e como a preservação de tais locais se torna fundamental.

Manifestações semelhantes também podem ser encontradas na literatura ao investigar os vínculos existentes entre praticantes de atividades de aventura na natureza e o meio ambiente. As pesquisas de Brasil e Carvalho (2009) ao pesquisar sobre as interações entre surfistas e a natureza, apontaram a relevância que o contato com o mar exerce na vida dos surfistas, enquanto que os estudos de Bruhns (2000) constaram como tais vínculos podem ser preponderantes na formação de indivíduos realmente engajados nas causas ambientais.

Da mesma forma, estas distinções também se mostraram presentes nas questões referentes à poluição observada, nas quais, os entrevistados dos grupos 1 e 2 relataram situações bastante específicas referentes à prática do surfe. De acordo com alguns dos surfistas entrevistados, é comum encontrarem poluentes durante a realização da atividade, principalmente resíduos plásticos. Assim sendo, afirmaram que é prática rotineira guardar tais resíduos dentro das roupas de borracha ou das bermudas para retirá-los do mar e descartá-los de uma forma correta.

Ao mesmo tempo que relataram que tais situações prejudicam às suas sessões de treinamento, também salientaram a importância desta ação, uma vez que segundo eles próprios, aqueles poluentes podem representar um risco a eles mesmo e também aos animais presentes naquele ambiente. Novamente, estes depoimentos trazidos pelos surfistas entrevistados, realçam como as atividades de aventura na natureza podem promover uma sensibilização dos indivíduos perante o cuidado com meio natural.

Desta maneira, o presente estudo pode constatar que diferentes aspectos podem estar associados ao nível de conscientização ambiental dos jovens. Como demonstrado nas entrevistas e em outras pesquisas encontradas na literatura, não só a presença de vivências significativas em ambientes naturais, como o surfe, mas também um contexto escolar engajado nas causas ambientais pode influenciar positivamente no desenvolvimento de sujeitos ecologicamente conscientes.

Sendo assim, a pesquisa gostaria de salientar o potencial existente quando estes dois fatores são utilizados em conjunto. Ao introduzir as atividades de aventura na natureza, como o próprio surfe, no contexto escolar os resultados podem ser ainda mais expressivos, uma vez que a escola conta com diversas ferramentas pedagógicas que poderiam auxiliar neste processo. Entre elas, pode-se citar as metodologias de ensino, a sistematização dos conteúdos, a interdisciplinaridade e o envolvimento de toda a comunidade escolar (professores, funcionários, alunos e seus responsáveis).

No entanto, apesar do estudo apresentar aspectos positivos através dos seus resultados, seu desenvolvimento apresentou determinadas limitações: número menor do que o esperado de entrevistados; grupo focal com menos entrevistados; pela falta de vínculo e de tempo, poucas retornaram com o TCLE⁴ assinado. Contudo, os elementos positivos da pesquisa são destacados mostrando caminhos possíveis para o surfe enquanto conteúdo para a Educação Ambiental e a Educação Física na escola.

⁴ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

6 CONCLUSÃO

Portanto, através do desenvolvimento deste estudo, foi possível constatar que diferentes fatores podem influenciar no nível de conscientização ambiental dos jovens e crianças. A partir da análise de seus resultados, a pesquisa observou que a existência de vínculos significativos com a natureza e um currículo escolar engajado com temáticas voltadas para a Educação Ambiental podem estar associados à formação de sujeitos ecologicamente conscientes, capazes de perceber como a atividade humana pode afetar negativamente o meio ambiente e dispostos a buscar soluções neste sentido.

Desta maneira, mesmo não sendo possível observar distinções aparentes entre os grupos entrevistados, os grupos 1 e 2, referente aos participantes do surfe, apresentaram em suas respostas não somente vínculos profundos com a natureza como também o entendimento de como a poluição afeta a prática da modalidade. Em virtude disto, o surfe se mostrou uma ferramenta com um potencial considerável no objetivo de conscientizar às crianças sobre questões ambientais. Portanto, a pesquisa conclui que a combinação destes fatores citados pode implicar em resultados ainda mais expressivos, colaborando para a introdução de atividades de aventura na natureza, como o surfe, nos currículos escolares, principalmente nas aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ARTAXO, Paulo. As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 53-66, 2020.

BASTOS, Keila Aparecida Pereira; PEREIRA, Kleiton Carlos. SURFE DA PRÁTICA CORPORAL AO ESPORTE. 2017. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/keila_bastos_e_kleyton_pereira_-_o_surfe_quanto_esporte.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. Apunts: Educación Física y Deportes, Barcelona, n. 41, p. 5-9, 1995.

BERNARDES, L. A. et al. Atividades e Esportes de Aventura para Profissionais de Educação Física. Ed Phorte. São Paulo, 2013.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL, Fernanda Kunderát; CARVALHO, Yara M. Pescadores Artesanais, Surfistas e a Natureza: Reflexões a partir de um olhar da Educação Física. **Movimento**, v. 15, n. 1, p. 217-239, 2009.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. (Org.). A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. p. 25-46.

BRUHNS, H. A busca pela natureza: turismo e aventura. Barueri: Manole, 2009.

CAETANO; L.M.Ga Educação Ambiental: Implantação em uma Escola de Surfe ma, W.Barrella. UNISANTA BioScience – p.103- 108; Vol. 4 (2015) nº 5 Edição Especial

DIAS, Cláudia Augusto. "Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas." *Informação & Sociedade* 10.2 (2000).

FINNEGAN, W. Dias Bárbaros: Uma vida no Surfe. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro, 1º Ed. 2015

FRANCO, L.C.P. Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo. 2008. 134 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008.

FRANCO, L. C. P., TAHARA, A. K. e DARIDO, S. C. Práticas Corporais de Aventura nas Propostas Curriculares Estaduais na Educação Física: Relações com a Base Nacional Comum Curricular. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 66-76, jan./abr., 2018.

FREITAS, T. Brazilian Storm: o fenômeno que domina o surfe mundial. *Lab Notícias*, 2023

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GEYER, Roland; JAMBECK, Jenna R.; LAW, Kara Lavender. Production, use, and fate of all plastics ever made. **Science advances**, v. 3, n. 7, p. e1700782, 2017.

GUIMARÃES, Rui Luís Marques Enes. Estilo de vida, saúde e Surf-Análise do contributo do Surf para o estilo de vida dos seus praticantes. 2012.

JOHNSON, D. Focus groups. In: ZWEIZIG, D. et al. Tell it! Evaluation sourcebook & training manual. Madison: SLIS, 1994.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Emoções, aventura e natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura. *Licere*, v.11, n. 1, p. 1-19, 2008.

LE BRETON, D. Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LIPORONI, M. O., Aguiar, D. R. da C., Mansano, C. F. M., & Lima, L. D. dos S. C. (2022). A prática do Stand UpPaddle nas aulas de educação física: promovendo a Educação Ambiental. *Revista Brasileira De Educação Ambiental*

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza. São Paulo: Manole, 2006.

MIZOGUCHI, Ian Haas. Os desafios do plástico e cenários para o futuro. 2019.

MOREIRA, M. SURF: Da Ciência à Prática. Faculdade de Motricidade Humana Edições FMH - 1495-688 Cruz Quebrada, 2009.

NEGRINE, A. instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVINOS, A. N. S. A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis - 2016 / Organizado por Claudia Cristina Zanela e Ana Regina Ferreira de Barcelos e Rosângela Machado – Florianópolis: Prefeitura de Florianópolis. Secretaria de Educação, 2016. 278 p. : il.

RAMBO, Graciele Cristiane; VON BORSTEL ROESLER, Marli Renate. Vivência com a natureza no ambiente escolar na primeira infância e sua relevância para construção do respeito e cuidados com o meio ambiente. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 14, n. 1, p. 111-131, 2019.

REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1998.

REIGOTA, M. Meio ambiente e representação social. 2.ed. São Paulo. Cortez, 2007

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. Revista Eletrônica de Educação, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 383-387, maio 2012.

SORRENTINO, Marcos. Vinte anos de Tbilisi, cinco da Rio 92. A educação ambiental no Brasil. **Debates Sócio Ambientais**, v. 2, n. 7, p. 3-5, 1997.

TAHARA, A. K.; DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de Educação Ambiental. Pensar a prática, Goiania, n. 1, v. 9, p. 1-12, 2006

TEIXEIRA, Izabella, TONI, Ana. Acrise ambiental-climática e os desafios da contemporaneidade: o Brasil e sua política ambiental. 2022

TREVISOL, J.V. A educação em uma sociedade de risco: tarefas e desafios na construção da sustentabilidade. Joaçaba: UNOESC, 2003. P.166

VIEIRA, Roberta de Oliveira. ARAGUA SURFE SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO QUE INTEGRA ESPORTE E EDUCAÇÃO. 2012. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL

1º início: Breve introdução sobre a temática da entrevista para situar os participantes (Meio ambiente, Educação Ambiental e etc). Diante disso, serão informados que não existem opiniões corretas e que idéias contrárias também podem ser manifestadas durante a conversa. Também serão realizados alguns acordos a respeito de tempo de duração, gravação de áudio e entre outros.

2º momento de discussão: com o objetivo de analisar a compreensão sobre Educação Ambiental, trazer questionamentos como:

1. O que significa preservar a natureza?
2. Vocês acham que as ações dos seres humanos interferem no meio ambiente?
3. O que vocês pensam quando alguém fala Educação Ambiental?

3º momento de discussão: a fim de Investigar se os participantes possuem vínculos com o meio ambiente.

1. Vocês costumam passar muito tempo na natureza (praias, parques, trilhas...)?
2. Quais as sensações que vocês percebem estando nesses lugares?
3. O que chama sua atenção quando você está nos locais mencionados?

4º momento de discussão: Verificar se os entrevistados percebem indícios dos danos ao meio ambiente causado pela ação humana.

1. Quando vocês frequentam os locais citados, percebem algum efeito da poluição (ar, solo, água...)?
2. Como vocês acham que isto afeta o meio ambiente?
3. Vocês acham que suas atividades nestes lugares são prejudicadas diante disto?

5º momento de discussão: Verificar se os participantes entendem a relevância de preservar o meio ambiente.

1. Qual a importância de “cuidar” do meio ambiente?
2. No seu dia a dia, vocês realizam algumas ações de cuidado com o meio ambiente? Quais?
3. Vocês acreditam que essas atitudes podem fazer a diferença na preservação do meio ambiente?
4. Vocês conhecem algum projeto ou organização de preservação ambiental?

6º momento de discussão: estabelecer relações com os conteúdos estudados na escola

1. Na sua escola você já aprendeu ou ouviu falar sobre EA? Se sim, foi na aula de EF?
2. Na sua escola você já aprendeu ou ouviu falar sobre preservação, poluição, conservação do meio ambiente? Se sim, foi na aula de EF?

7º Finalização: elaborar uma breve síntese da discussão realizada pelo grupo e conceder espaço para os participantes se manifestarem. Ao final, agradecer a participação de todos.